

Por que Orbán ganhou de novo

Maioria dos húngaros teve melhora no padrão de vida

Por Dorottya Szikra e Mitchell Orenstein

Valor, 11/04/2022

Era esperado que o primeiro-ministro autocrático da Hungria, Viktor Orbán, vencesse a reeleição, no fim de semana, e ganhasse um quarto mandato consecutivo, graças a um sistema eleitoral distorcido e a uma mídia em grande medida controlada pelo Estado, que tornavam impossível para a oposição unida alcançar muitos eleitores. O que desconcertou muitos observadores foi o tamanho da vitória de Orbán. O candidato da Unidos pela Hungria, Péter Márki-Zay, perdeu na votação popular por 53% a 35%, dando ao partido Fidesz [União Cívica Húngara], de Orbán, novamente uma supermaioria constitucional no Parlamento. Foi também uma derrota esmagadora para a União Europeia.

O resultado talvez obrigue a oposição húngara a considerar os motivos, em grande medida econômicos, pelos quais tantos húngaros votam em Orbán. Depois de anos de dificuldades econômicas e da vitória arrebatadora do Fidesz na eleição de 2010, a maioria dos húngaros viveu uma melhora no padrão de vida. Embora uma retomada da economia depois de 2014, que criou milhares de novos empregos, tenha ajudado Orbán, suas políticas também tiveram um grande papel, criando uma coalizão de várias classes sociais para o Fidesz.

Depois de 1989, a transição custou um milhão de empregos a um país de 10 milhões de pessoas. O governo de Orbán disse construir uma “sociedade baseada no trabalho”, estimulando empregos e criando programa de obras públicas para pobres das áreas rurais

A oposição liberal húngara, em grande parte, desdenhou essas políticas e não conseguiu oferecer uma alternativa melhor. Por sua vez, os que se beneficiaram temiam sair perdendo se Orbán saísse do poder.

Algumas notícias na imprensa giraram em torno do congelamento dos preços do gás aplicado por Orbán e a outras grandes benesses concedidas antes da eleição.

Em resposta à inflação galopante do fim de 2021, Orbán limitou os preços de artigos básicos, como farinha, açúcar, óleo e frango. As medidas, reminiscentes da era comunista, se mostraram populares. O governo também exigiu que os postos de gasolina vendessem seu combustível a preços abaixo do mercado. Depois da eclosão da guerra na Ucrânia, o governo sujeitou os varejistas a absorver o aumento dos custos diante da alta dos preços ou, caso contrário, a perder suas empresas. A Hungria tornou-se o único país europeu onde os preços dos combustíveis não subiram, reforçando a imagem de Orbán de líder forte e defensor das pessoas comuns.

Por outro lado, as políticas de longo prazo de Orbán para melhorar o bem-estar dos eleitores parecem ter passado despercebidas pela maior parte dos analistas, apesar de seu papel fundamental no estabelecimento e manutenção de sua leal base. Tais políticas priorizaram fomentar o emprego e o salário líquido, canalizando benefícios sociais generosos para famílias de trabalhadores com filhos, e não para pobres sem trabalho, e foram embrulhadas dentro de um discurso de renovação nacional.

Depois de 1989, as políticas de transição neoliberais custaram à Hungria, um país de dez milhões de pessoas, um milhão de empregos, um retrocesso devastador. O governo de Orbán procurou corrigir isso construindo uma “sociedade baseada no trabalho”, valendo-se de vários instrumentos para estimular o emprego, incluindo incentivos fiscais para grandes empregadores e um programa popular de obras públicas para pessoas pobres em áreas rurais, que criou 200 mil empregos com salários abaixo do mínimo. De acordo com relatos de todos os matizes, o programa de empregos conquistou a lealdade de muitos dos que haviam se sentido deixados para trás pela transição econômica.

Tão importante quanto, o governo de Orbán fez uso de impostos e outras políticas para aumentar o poder de compra, de forma que a maioria dos húngaros, incluindo os de baixa renda, pudessem realmente sentir que estavam se saindo melhor em comparação à metade da década de 2010. Orbán aumentou constantemente o salário mínimo oficial a cada ano até que em 2018 superasse, pela primeira vez desde 1989, o nível de subsistência mínima.

Em antecipação à recente eleição, o governo de Orbán aumentou o salário mínimo mais uma vez, em 20%, beneficiando diretamente um milhão de trabalhadores (um terço dos empregados do setor privado), enquanto também gerava pressão pelo aumento dos salários dos trabalhadores mais qualificados.

Além dessa ênfase no emprego e no salário, Orbán erigiu sua popularidade com base em políticas familiares que, embora longe de serem justas, transferiram níveis sem precedentes de recursos públicos para famílias com filhos. Ao excluir pais desempregados, trabalhadores do setor público e aqueles que atuam na economia paralela, Orbán pôde concentrar os recursos de seu governo no atendimento a famílias de trabalhadores do setor privado formal.

Por exemplo, famílias com três ou mais filhos estão praticamente isentas do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) desde 2012; desde 2019, as famílias recebem grandes subvenções e empréstimos para comprar carros e construir ou comprar casas; e houve um reembolso total do IRPF no início de 2022. À medida que o emprego foi crescendo depois de 2014, mais famílias começaram a se beneficiar. Refletindo a importância dessas políticas pró-família, em março, no auge da campanha eleitoral, o Parlamento, controlado pelo Fidesz, escolheu a ministra encarregada de adotá-las, Katalin Novák, para ser a primeira mulher presidente da Hungria.

Orbán tem retratado as políticas econômicas de seu governo como parte de uma luta contra vários inimigos, como os imigrantes muçulmanos e, desde 2020, a “propaganda LGBTQ+”. Ele é mestre em aterrorizar a população e em apresentar-se como o salvador da Hungria, derrotando inimigos imaginários, fortalecendo a família tradicional e aumentando a taxa de natalidade. Usando a imagem de mulheres russas, uma mãe e uma filha, em outdoors pelo país, o Fidesz promoveu uma campanha para proteger as “crianças húngaras”, implorando aos eleitores para rejeitar a “propaganda homossexual”, em um plebiscito realizado simultaneamente com a eleição.

Não se engane: as políticas econômicas de Orbán têm um papel tão importante em seu sucesso político quanto as tão documentadas distorções do sistema eleitoral da Hungria. A oposição, contudo, foi incapaz de reagir de forma eficaz. Muitos eleitores identificaram Márki-Zay e os partidos por trás dele com as políticas econômicas neoliberais que custaram tão caro à Hungria e a outros países pós-comunistas na década de 1990, e o Fidesz explorou as desconfianças deles.

Os húngaros estão dispostos a votar em um líder forte que viole as normas europeias, se isso servir a seus interesses econômicos. O desafio para a oposição da Hungria é conceber uma combinação de políticas econômicas e sociais que atraia uma forte maioria do público eleitor, incluindo a crescente classe média e aqueles deixados para trás tanto pela transição econômica quanto pelas políticas de Orbán. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Dorottya Szikra é pesquisadora sênior no Centro de Estudos Sociais de Budapeste e professor visitante na Universidade da Europa Central, em Viena.

Mitchell A. Orenstein é professor de estudos da Rússia e do Leste Europeu na Universidade da Pensilvânia. Copyright: Project Syndicate, 2022.

www.project-syndicate.org